



A crise e o crescimento das tensões entre as potências. Um grande conflito armado é possível ou trata-se de uma miragem abstrata?¹

Denis Collin

Não sou o primeiro a fazer esta constatação: há um certo número de analogias entre a situação global que precedeu a Primeira Guerra Mundial e a situação presente. Um longo período de “globalização” com uma redução drástica de fronteiras aduaneiras, uma guerra comercial feroz das novas grandes potências, que têm vontade de sacudir o jugo das antigas. À isso deve ser acrescido um sistema de alianças que conduziu os sonâmbulos a assumirem, uns após os outros, todas as decisões que levaram à conflagração e à grande carnificina de onde saíram todos os monstros do século XX.

O longo período, que vai do fim dos anos 1970 (os *reaganomics*²) até a crise dos créditos de risco (*subprime crisis*³) de 2007-2008, parece chegar ao fim. A “mundialização” dita os passos. O comércio mundial estagna-se, ou até mesmo regride. As tentações do entrenchamento às barreiras anteriores se manifestam claramente: o referendo britânico e a eleição de Trump são apenas dois exemplos. Na Europa, os governos perderam a fé. Orban exalta a nação húngara e os líderes poloneses tecem críticas à União Europeia, que continua a funcionar como patos com as cabeças decepadas que continuam a andar. Os BRICS tentam, com muita dificuldade, criar uma alternativa à onipotência do dólar, o que não é evidente para o euro, vez que os europeus estão cada vez mais atrás dos americanos. O espectro de uma nova crise que ronda é ainda mais grave que aquele de 2007-2008.

Existem duas dimensões para tentamos compreender. A primeira concerne às perspectivas do capitalismo, que não são nada boas. Por toda uma série de razões, como já explicamos várias vezes, as próximas décadas não traduzirão um declínio durável do modo de produção capitalista à imagem da estagnação econômica e do declínio demográfico dos países da antiga Europa (ver no “La

¹ Tradução de Moira Rezende e revisão de Jorge Nóvoa.

² Diz respeito às políticas econômicas do ex-presidente norte-americano Ronald Reagan, associadas especialmente à redução de impostos e à promoção de atividades de livre mercado irrestritas. O argumento de que os cortes de impostos gerariam mais receita foi um elemento-chave da Reaganomics.

³ Uma situação que começou em 2008 e afetou o setor hipotecário devido à aprovação de tomadores de empréstimos que eles não podiam pagar. Como resultado, um aumento significativo nas execuções hipotecárias levou ao colapso de muitas instituições de crédito e fundos de hedge. A crise financeira no setor hipotecário também afetou o mercado de crédito global, resultando em taxas de juros mais altas e redução da disponibilidade de crédito. Leia mais: <http://www.businessdictionary.com/definition/subprime-crisis.html>



Sociale" meus artigos intitulados "Effondrements"¹). A incorporação da África no processo de mundialização está bem avançada, frequentemente sob hegemonia chinesa, e, portanto, novos campos potenciais que permitiriam o prosseguimento da acumulação de capital, estão diminuindo seriamente. A "destruição produtiva" schumpeteriana, venerada pelo nosso presidente jupiteriano [Macron], é claramente mais destrutiva que criadora. E apenas arruinando definitivamente as "classes médias" e as populações pobres que o capitalismo pode esperar encontrar uma saída provisória. Como o furacão Irma nos lembrou, as mudanças climáticas podem desempenhar um papel acelerador de uma crise de grande amplitude – a menos que se acredite que destruições massivas permitam reiniciar a máquina produzindo futuramente mais-valor. Em todo caso, que podemos concordam com Wallerstein e outros que anunciam a crise mortal do capitalismo dentro dos próximos trinta anos mais ou menos. Na nossa idade, é sabido que trinta anos são, finalmente, bem pouco tempo².

A segunda dimensão concerne ao aumento da tensão entre as nações. Aqueles que anunciam a obsolescência das nações o fazem por suas contas. A primeira potência econômica mundial já é a China. Seu PIB estimado em paridade com o poder de compra (PPC), excede o dos EUA desde 2014. O capital chinês é exportado massivamente. Os automóveis Volvo são produzidos por uma empresa detida pelo capital chinês. Existem correntes rumores de uma aquisição da FCA (Fiat-Chrysler) por fundos chineses. Portos gregos e vinhedos de Bordeaux, são detidos, mais uma vez, por fundos chineses. Não é apenas a África que é visada. Evidentemente, os EUA - que ainda têm o título de primeira potência mundial, continuam a deter a maior potência militar, a liderança em pesquisas e redes no mundo, não pretendem deixar de forma gentil o lugar para os novos ricos de Pequim. O antagonismo entre a China e os EUA não para de afirmar-se, e, com o regime da Coreia do Norte, os americanos dispõem de um provocador ideal para desencadear, no tempo que está por vir, uma operação militar que, em caso de vitória, coloca o exército dos EUA diretamente na fronteira chinesa. A nova situação criada pelo encontro recente do líder norte-coreano com aquele da Coreia do Sul, não muda grande coisa nesse cenário.

O outro conflito, mais estranho, é aquele que contrapõe os EUA e a Rússia. Acreditou-se que Trump seria amigável com relação a Putin (*poutinólatra* ou

¹ Disponível em: <http://la-sociale.viabloga.com/news/effondrements-3-vers-la-crise-finale-du-mode-de-production-capitaliste>.

² Ver *Le capitalisme a-t-il un avenir?* In : <http://la-sociale.viabloga.com/news/le-capitalisme-a-t-il-un-avenir>



poutinófilo), e defensor da renovação das alianças com Moscou. Mas uma direção completamente diferente foi tomada entre os 2 países no curso das últimas semanas. Isso é uma reviravolta na política de Trump? Na realidade, Trump, atordoado por suas primeiras falhas e pela falta de entusiasmos da maioria republicana, tornou-se uma simples marionete de sua própria encenação. Ele não dirige a política externa, nem os assuntos militares. É o “partido interior”, o mesmo que sob Obama, et Clinton... ou os Bush, que determina verdadeiramente a política dos EUA, mesmo sendo, por vezes, de maneira caótica, em razão dos conflitos que existem entre as principais agências que são a essência do Estado americano: o FBI, a NSA, a CIA, e o estado maior das forças armadas, mesmo que isso desagrade os bajuladores dessa “grande democracia”. Muitos dos líderes dessas instituições estão prontos para fazer a guerra que corresponda aos seus interesses. Os danos colaterais não são importantes para eles. Como os EUA gastam com seus armamentos mais que a soma dos dez países que os sucedem no ranking mundial de despesas militares, eles acreditam sua superioridade mundial pode ser reestabelecida sem possível contestação por ferro e fogo. A Coreia do Norte poderia ser um bom terreno de exercícios para uma guerra nuclear limitada. Cenários desse gênero foram igualmente imaginados no que concerne à Rússia.

De seu lado, Putin também atua no aumento da tensão. Isso lhe permite estabelecer sua estabilidade interior, mesmo que a contestação do regime permaneça viva, apesar da repressão. Por outro lado, a Rússia, teme legitimamente por sua segurança. O império russo nunca foi um império ultramarino, como a Grã-Bretanha, a França ou os EUA. É a garantia das fronteiras que causa obsessão à Rússia, que procura ter, por isso, zonas-tampão. Numerosas ex-repúblicas soviéticas da Ásia central abrigam bases americanas. A OTAN opera na Polônia e nos países bálticos. Ao dar manutenção ao regime de Bashar Al-Assad na Síria, e ao contribuir com a derrota do Estado Islâmico, a Rússia marca pontos no Oriente-Médio, em uma parte complexa, onde ela age sobre certas frentes, juntamente ao acordo de Washington.

Outros atores são inseridos no grande jogo, ou simplesmente retornam. A Arábia Saudita tem ambições regionais que não são segredo para ninguém, e trabalhou sistematicamente para propagar o wahhabismo¹, com a finalidade de

¹ Wahhabismo, wahabismo ou vaabismo (em árabe: *وهابية*) é um movimento do islamismo sunita geralmente descrito como “ortodoxo”, “ultraconservador”, “extremista”, “austero”, “fundamentalista” e “puritano”. Seu principal objetivo é restaurar o “culto monoteísta puro”. Seus seguidores muitas vezes opõem-se ao termo *wahhabismo* por considerá-lo pejorativo, preferindo ser chamados de salafistas ou *muwahhid*. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wahhabismo>.



assegurar sua influência. Mas a Turquia do novo sultão Erdogan reafirma, com recursos políticos e financeiros não negligenciáveis, sua vontade de se inscrever na herança do Império Otomano – o antigo conflito entre otomanos e árabes pode ressurgir. O Irã também joga seu próprio jogo às vezes em parceria com os russos, às vezes por sua própria conta, se apoiando nos xiitas.

Em suma, alguns têm motivos legítimos para temer as ambições dos recém-chegados. Os outros querem entrar por conta própria no campo da história mundial, e, a antiga potência imperial americana, sempre certa de seu “destino evidente”, quer manter seu lugar. Todos os ingredientes dos graves conflitos armados estão reunidos. Teria que ser muito ingênuo (para dizer o mínimo) para negar o perigo.

Como essas são as questões políticas mais graves, deve-se tentar respondê-las seriamente. Pensar, assim, uma política internacional responsável. Uma das maiores questões reside no alinhamento sistemáticos dos líderes europeus por trás dos americanos. Isso impede que a Europa defenda seus próprios interesses e desempenhe o papel de ordem e de paz que poderia desempenhar. Na Ucrânia, os líderes da União Europeia fizeram, ao que tudo indica, gratuitamente um trabalho para os EUA através de uma dupla provocação contra Putin: convidar a Ucrânia a entrar na União Europeia e propor sua adesão à OTAN. Exatamente o empurrão que era preciso para Putin intervir e causar o começo de uma ruptura no país. Ademais, é encontrada na Ucrânia a estratégia de sucesso já testada na ex-Iugoslávia. É verdade que, para todos esses líderes, a guerra é um jogo interessante, uma vez que pode tornar possível manter os povos em uma coleira.

A questão pacifista da luta contra a guerra pode, assim, trazer uma atualidade inquietante. Por esta razão, uma discussão séria sobre política de defesa nacional e questões de estratégia militar deveria ter lugar em plena luz do dia, e não permanecer confinada a alguns cenáculos selecionados. Toda a questão europeia também deve ser reconsiderada sob esta luz. É preciso repetir sempre: a única coisa positiva que reside no fundo da ideia da construção europeia é que “nunca mais, isto”, **nunca mais guerra entre nós**¹. Portanto, a Europa deve ser uma zona de paz, e, àqueles que falam sobre “reviver a integração europeia”, deve ser dito: reviver a ideia de uma política externa comum e, portanto, um pacto de “paz perpétua” kantiana entre as nações europeias. Para que isso seja possível, é necessário ser independente da OTAN (que não é europeia e inclui países tão pouco atrativos quanto a Turquia) e tomar iniciativa para negociar seriamente e sem provocações desnecessárias com os russos. Certamente, Putin não é um modelo de

¹ Negrito da tradução.



líder democrático, mas se discutirmos apenas com democratas, não discutimos com ninguém, e, além disso, na lista de tiranos, Putin está longe de ganhar o primeiro prêmio, já que alguns dos melhores amigos de nossos líderes (sauditas, qataris, etc.), o superam de longe.

De qualquer forma, os cidadãos devem abordar essas questões. O “fim da história, anunciado após o fim da União Soviética, não é para amanhã.